

# Protagonismo feminino na filantropia contra a lepra no sertão (Goiás, 1929-1942)

Leicy Francisca da Silva<sup>1</sup>

Ordália Cristina Gonçalves Araújo<sup>2</sup>

## Resumo

O objetivo deste texto é analisar a atuação de mulheres protestantes na filantropia e organização de leprosários em Goiás entre as décadas de 1920 e 1940. Observamos esse processo através do acompanhamento do trabalho de duas mulheres, Helen Gordon/Helena Bernard e Henrietta Buchan Wilding, conhecida como Rettie Wilding (1889-1926), missionárias da *União Evangélica Sul-Americana*, que atuaram na construção das primeiras instituições sanitárias de assistência aos hansenianos no estado, o Leprosário Helena Bernard de Catalão, e o Leprosário Macaúbas na Ilha do Bananal. Problematizamos as estratégias de inviabilização do protagonismo feminino nas notícias veiculadas nos jornais, e como nas escritas dessas mulheres expõem-se faces e nomes de outras que com elas empreenderam as atividades assistenciais filantrópicas no sertão.

**Palavras-chave:** História da lepra, Goiás, missionárias protestantes, filantropia.

## Resumé

L'objectif de ce texte est d'analyser le rôle des femmes protestantes dans la philanthropie et l'organisation des colonies de lépreux à Goiás entre les années 1920 et 1940. Nous observons ce processus en accompagnant le travail de deux femmes, Helen Gordon/Helena Bernard et Henrietta Buchan Wilding, connue sous le nom de Rettie Wilding (1889-1926), missionnaires de l'União Evangélica Sudamericana, qui ont œuvré pour la construction des premières institutions sanitaires d'assistance pour les malades de la lèpre dans l'état, le Leprosarium Helena Bernard à Catalão et le Leprosarium Macaúbas sur l'Île de Bananal. Nous discutons des stratégies irréalisables du protagonisme féminin dans les informations publiées dans les journaux et de la manière dont les écrits de ces femmes exposent les visages et les noms d'autres personnes qui ont entrepris avec elles des activités d'assistance philanthropique dans le sertão.

**Mots-clés:** Histoire de la lèpre, Goiás, missionnaires protestantes, philanthropie.

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Docente no Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas - no Programa de Pós-graduação em História e Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: leicy.silva@ueg.br

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Docente no Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas - no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: odalia.araujo@ueg.br

## Considerações iniciais

A História das Mulheres tem chamado atenção a um processo de invisibilidade histórica e social de um conjunto da população (PERROT, 1998). Colocadas à margem, elas têm sua atuação desconsiderada e seus nomes riscados das narrativas ou colocadas em condição subordinada ao trabalho de homens, alçados à posição de heróis, líderes atuantes e responsáveis por projetos, ações, ideias, enfim pelo desenvolvimento. Nas análises sobre a atuação política, médica ou filantrópica para a constituição de instituições antilepróticas, no Brasil, as mulheres não aparecem como protagonistas. Ao contrário, quando elas aparecem, são citadas em conjunto, e compõe o quadro das enfermeiras, das enfermas em isolamento, das freiras e auxiliares ou daquelas mulheres de elite que organizavam eventos para angariar donativos, etc. O mesmo não ocorre quando o tema é a constituição de ações, instituições ou projetos políticos voltados para as crianças nos preventórios, ali o protagonismo é feminino, e formado pelas mulheres de elite, que apoiadas pela origem familiar assumiam e gerenciavam através da *Federação da Sociedades de Assistência aos Lázarus e Defesa Contra a Lepra* a assistência (SANTOS e LEANDRO, 2019).

90 É nesse contexto de questionamento aos processos de invisibilidade e apagamento histórico do trabalho feminino, que compreendemos a importância de trazer à tona a trajetória e atuação de duas mulheres e filantropas estrangeiras e protestantes, que operaram na constituição de instituições de assistência aos doentes e seus familiares em Goiás, nas primeiras décadas do século XX: Helena Bernard e Rettie Buchan/Wilding. Helena Bernard encabeçou o projeto de construção na cidade de Catalão do leprosário que levou seu nome; enquanto que Rettie Buchan/Wilding foi o personagem principal da edificação do leprosário Macaúbas na Ilha do Bananal e auxiliou também por meio do trabalho clínico médico no leprosário São Vicente de Paula na cidade de Anápolis. Elas são fruto do contexto analisado por Ana Paula Vosne Martins, que explica ocorrer nos séculos XVIII e XIX, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, o aumento do número de mulheres que através das atividades de assistência atuavam na vida pública, de um modo que não atentava contra sua moral e virtude.

Mulheres de classe média, com formação em áreas consideradas coerentes com a ideia de cuidado e assistência - enfermagem, medicina, magistério - e fundamentadas no maternalismo, que agiam nas questões sociais de assistência aos pobres e enfermos (VOSNE, 2011). Foi através do trabalho missionário, intermediado pela *União Evangélica Sul Americana* (UESA), e com apoio de particulares e instituições públicas, que elas construíram os estabelecimentos e ali desenvolveram intensa atividade a partir de 1929 até 1942, quando se inaugura a colônia Santa Marta na cidade de Goiânia, dentro do Plano Nacional de Combate à Lepra.

Para problematizar o papel dessas mulheres - com formação educacional, atividade religiosa e experiência profissional *suis generis* para Goiás à época - na organização dos estabelecimentos e de projetos filantrópicos em saúde, e secundariamente evidenciar outros personagens femininos no cotidiano filantrópico, desenvolvemos a análise a partir de fontes

documentais inéditas, as memórias das personagens envolvidas. Sobre Rettie Wilding, o livro *Semeando em Lágrimas* publicado no Reino Unido pela Editora *The Evangelical Union of South America*, em 1965, com o título *Sowing in tears*, e traduzido para o português em 1979. Para a análise da experiência de Helena Bernard, na cidade de Catalão em Goiás, nos apoiamos em dois escritos: uma Memória, intitulada “*Pequeno Registro de Trabalho entre Leprosos no Brasil*” (em tradução livre), e uma carta enviada à colega missionária J. Forsyth, datados de 1966.<sup>3</sup> A escrita em primeira pessoa de mulheres religiosas expõe valores e uma identidade social moldada por papéis previamente apontados a que deveriam seguir (CAVALCANTI, 2007, p. 19), o que dentro de uma perspectiva de divulgação da fé e moral protestante era fortemente demarcado pela submissão a um propósito superior, ao trabalho e a um sentimento de filantropia em relação aos que sofrem. Os documentos de memória e relatórios são comparados com fontes de caráter público como recorte de jornais e revista de ampla divulgação. Considerando a relação e os intercâmbios entre memória individual e coletiva, como proposto por Maurice Halbwachs, procuramos o ponto de encontro, o fundo comum à sociedade; tentando superar a contraposição inicial entre o autobiográfico e o histórico buscamos pela vida dessas mulheres os elementos do social de sua atividade e do olhar externo sobre sua atuação (2004).

A presença marcante de mulheres na filantropia, constituição de leprosários e assistência aos doentes de Hansen em Goiás, espaço historicamente demarcado como masculino é a hipótese primeira desta análise. Mulheres que se relacionam e estabelecem interlocução com agentes públicos e instituições, constituindo nessas circunstâncias, associações, redes de amizade ou políticas, enfim os modos de ação feminina no sertão. Assim como apontado por Ana Paula Vosne Martins, as beneméritas “sabiam que tinham que aprender a agir com desenvoltura no espaço público e se organizar politicamente para que seu trabalho assistencial fosse bem-sucedido” (2011, p. 31). E por fim, pontuar, a partir das fontes escritas pelas filantropas, a existência de outras mulheres que atuaram auxiliando no mesmo campo filantrópico.

Consideramos que tanto Helena Bernard quanto Rettie Wilding migraram em um período de *migração em massa*. Nesse processo migratório, segundo explica Maria Silvia Bassanezi, essas migrantes traziam uma cultura distinta, e diferentemente das diversas mulheres que cruzaram o oceano acompanhadas de suas famílias em busca de uma vida melhor (2016, p. 170), elas vieram sozinhas e estavam ligadas a uma instituição de assistência e conquista religiosa. Antes de vir ao Brasil, Rettie, desejosa de fazer uma especialização em medicina tropical, desenvolve um estágio em um hospital na cidade de Ludhiana na Índia, que a coloca diante das dificuldades e do cotidiano da ação missionária e médica em terras estrangeiras. Ela era parte constituinte de um “Plano Global de Salvação”, como definiria seu editorialista (FERREIRA, 1979, p. 6). Para além desta perspectiva religiosa, era jovem, mulher, médica, solteira, estrangeira e convencida do seu papel de divulgadora da fé, para a qual trabalhava, e da aventura que seria sua atividade no Brasil. É possível entrever que as duas filantropas eram conscientes do terreno de dificuldades que enfrentariam, e, mesmo

<sup>3</sup> BERNARD, Helena. Small record of work amongst lepers in Brazil. Work amongst lepers in Brazil. Os manuscritos em inglês, encontram-se no arquivo da missão na Escócia, e foram datados de 02/10/1966.

assim, arriscam-se e protagonizam as iniciativas de assistência a doentes estigmatizados no sertão de Goiás.

### **A emergência dos leprosários Helena Bernard de Catalão, e Macaúbas da Ilha do Bananal**

Rettie Buchan/Rettie Wilding e Helen Gordon/Helena Bernard, eram parte formadoras de um quadro de missionários pioneiros cujo trabalho estava voltado para a medicina científica e organização de instituições de assistência sanitária no Brasil, compondo a *União Evangélica Sul Americana* (UESA) que desenvolvia ações inseridas no campo vocacional e simbólico protestante de divulgação religiosa no sertão (CARVALHO, 2021). Elas foram formadas na Escócia dentro de escolas de medicina e enfermagem para atuação em regiões tropicais. Através de iniciativa pioneira Rettie e Helena, juntamente com o apoio institucional e financeiro da UESA, das autoridades públicas e comunidade local, construíram do denominado *ABC da lepra*, instituições leprosas em Anápolis, Bananal e Catalão no Estado de Goiás.

Como expõe Ester Fraga Nascimento as missões estrangeiras eram instrumentos de intervenção nas áreas de religião, saúde e educação no século XIX e XX. As Missões ou Juntas eram “pertencentes a um conjunto de comunidades religiosas, sendo constituídas em sociedades, com o objetivo de manter a propaganda evangélica no país e no estrangeiro, ou em comissões oficiais criadas pela autoridade eclesiástica das comunidades para a divulgação da fé” (2005, p. 38). Tinham como método de trabalho de evangelização a implementação de instituições religiosas, como igrejas e associações bíblicas, escolares e de assistência aos enfermos (2005, p. 38) e eram formadas por pessoas, em sua maioria, com formação superior em campos como educação, medicina, enfermagem e engenharia, que iniciaram, desde o século XIX, um processo de intervenção nas áreas de religião, educação e saúde no Brasil. Desde 1869, os missionários criaram instituições e acreditavam que, por meio da divulgação de novos valores, e da construção de novos dogmas e conceitos, poderiam incentivar a modernização e implantar o protestantismo (GARRIDO, 2005, p. 312).

A ação missionária compreendia que salvação e saúde - possuíam uma mesma origem e um mesmo caminho para serem plantadas na alma das populações a quem elas se direcionavam - era o meio de inculcação de um novo *modus vivendi*, por isso a criação de hospitais, no caso do Brasil, já a partir de 1869, e escolas, como meio de implantar o protestantismo. Exemplifica Ester Nascimento, que “O projeto civilizador presbiteriano para o *hinterland* brasileiro possuía três eixos de ação: religião, educação e saúde. Criando instituições nas três áreas, (...), se propunham em transformar o *hinterland* brasileiro numa região “civilizada”, (2005, p. 6).

<b>DIRECTORY OF MISSIONARIES OF THE E.U.S.A.</b>		
(Those on furlough are marked by an *.)		
<p>The following list only includes foreign missionaries. There are, in addition, some 60 national workers, men and women, and many of our main stations are occupied by national pastors. Space forbids enumeration of all our stations and workers.</p>		
<p style="text-align: center;"><b>ARGENTINA.</b></p> <p><b>San Nicolas—</b> Mr. and Mrs. G. J. F. KRIEGER.</p> <p><b>Campana—</b> Mr. and Mrs. C. W. COOK.</p> <p><b>San Fernando—</b> Mr. and Mrs. W. C. KING.</p> <p><b>Azul—</b> Mr. and Mrs. W. T. T. MILLHAM.</p> <p><b>Necochea—</b> Mr. and Mrs. H. F. SCHMITT.</p> <p><b>Tandil—</b> Mr. and Mrs. F. D. HUTCHINSON. Mr. and Mrs. D. M. LAWRENCE.</p> <p><b>Gonzalez Chaves—</b> Mr. and Mrs. E. GODT.</p> <p><b>Coronel Suarez—</b> Mr. and Mrs. JAMES HARRISON.</p> <p style="text-align: center;"><b>BRAZIL (CENTRAL).</b></p> <p><b>Catalao—</b> Mr. and Mrs. M. BERNARD.</p> <p><b>Morrinhos—</b> Mr. and Mrs. A. TIPPLE.</p> <p><b>Sao Paulo—</b> Mr. and Mrs. W. S. COOK.</p> <p><b>Jacarehy—</b> Mr. JAMES COOK.</p> <p><b>Goyaz Capital—</b> Mr. and Mrs. A. MACINTYRE.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Brazil (Central)—contd.</b></p> <p><b>Annapolis—</b> Dr. and Mrs. J. FANSTONE. *Nurse D. WILLSON. Nurse M. HAMILTON. Nurse RUTH VIRGO.</p> <p><b>Bananal Island—</b> Mr. and Mrs. J. B. WILDING. Mr. and Mrs. J. KIRKWOOD. Miss E. BLOWERS. Mr. F. C. KEGEL.</p> <p style="text-align: center;"><b>BRAZIL (NORTH)</b></p> <p><b>Recife—</b> *Mr. and Mrs. JAMES HALDANE. Mr. and Mrs. W. B. FORSYTH.</p> <p><b>Garanhuns—</b> Mr. and Mrs. F. C. GLASS.</p> <p><b>Joazeiro and Petrolina—</b> Mr. and Mrs. T. B. DUNCAN. Mr. and Mrs. OLIVER THOMSON.</p> <p><b>Bello Jardim—</b> Mr. and Mrs. E. C. WILCOCKSON.</p> <p><b>Brejo da Madre de Deus—</b> Mr. CHARLES GLASS.</p> <p style="text-align: center;">(Canadian Section)</p> <p><b>Patos—</b> Mr. and Mrs. H. G. BRIAULT. Mr. and Mrs. MATTHEWS.</p>	<p style="text-align: center;"><b>PERU.</b></p> <p><b>Lima—</b> Mr. and Mrs. M. G. ALDAMA. Dr. and Mrs. W. MONTAÑO.</p> <p><b>Central Sierra—</b> Mr. W. G. SPEED.</p> <p><b>Arequipa—</b> Miss S. M. PRITCHARD. *Miss I. ELDER. Miss L. SEWELL. Miss M. MARTIN.</p> <p><b>Ayaviri—</b> Mr. and Mrs. A. JARDINE.</p> <p><b>Huantura and Sicuaní—</b> Mr. and Mrs. LEN HERNIMAN.</p> <p><b>Checacupe and Pitumarca—</b> *Miss E. K. PINN. Miss L. W. ADAMS. Nurse H. COOK.</p> <p><b>Cuzco—</b> *Mr. and Mrs. J. SAVAGE. Miss M. WALKER. Miss J. RUDDLE.</p> <p><b>Urco—</b> *Mr. and Mrs. T. E. PAYNE. Mrs. STOCKWELL. Miss M. D. LUNN. Miss M. SMITH. Mrs. THOMPSON.</p> <p><b>Abancay—</b> *Mr. and Mrs. T. TYSON.</p>

Fonte: Twenty one Years of the EUSA. 1912-1933 -CSWC51/15/1a3 In Carvalho, 2021, p. 180.

O hospital com a função de cura em sentido lato abrangendo o corpo e a alma; como explica Eduardo Quadros, “salvação e saúde possuem a mesma raiz etimológica, estando intimamente relacionadas na teologia clássica”. Nesse sentido, ao contrário da propalada “dicotomia entre corpo e alma do cristianismo”, o que se sobressai é a relação entre os dois, “pois o pecado causaria doenças e os sacramentos trariam a cura em ambos os “níveis” (QUADROS, 2011, p. 168). As mulheres participantes das missões que adentravam o sertão, eram advindas de espaços considerados civilizados, urbanizados e com uma concepção política liberal, e aqui, acreditavam que participavam no processo de “reabilitação” dos contatados; renovação não apenas religiosa, mas também nas normas e comportamentos cotidianos (GARRIDO, 2005, p. 312). Algumas destas missionárias vinham em companhia de seus maridos, outras casavam-se no campo de atuação (como Rettie e Helena), outras estavam solteiras, muitas com formação no campo da assistência em enfermagem, como se nota na figura 1 com os nomes dos agentes das missões no Brasil.

Nas décadas de 1920 e 1930, essas mulheres se envolveram no trabalho de assistência aos doentes de lepra em Goiás. Em um momento em que a assistência sanitária se restringia a instituições construídas na capital, como o Hospital São Pedro de Alcântara (1825), o Asilo São Vicente de Paula (1909) e outras clínicas privadas; o aparecimento de estabelecimentos onde se ofertava assistência material e sanitária nas zonas interioranas era uma novidade. Diferente era ainda o fato de se voltarem para o cuidado de um grupo específico de doentes, os leprosos, cuja visibilidade era inquestionável em decorrência da exigência de

isolamento, do estigma que carregavam, do abandono público diante da inexistência de espaços específicos para seu cuidado, já que os abrigos/leprosários construídos no século XIX em Goiás, nas cidades de Goiás (antiga capital) e Pirenópolis, haviam sido desativados (SILVA, 2016).

Os jornais e revista goianos, em notícias veiculadas nos anos de 1929, quando da inauguração do leprosário, e 1932 da divulgação das ações filantrópicas, definiam Helena Bernard, como a “esposa do missionário evangélico Morris Bernard” e “matrona de um grande hospital em Glasgow, Escócia” (*Voz do Povo*, 9 out., 1932, p. 2; *A Informação Goyana*, out., 1932, p. 1690; *Jornal de Catalão*, 01 set., 1929, n. 21).

Destacavam sua formação, a experiência acumulada do trabalho como enfermeira em lugares onde havia uma grande população atingida pela lepra,

Enfermeira diplomada que praticou para esse fim nos hospitais mais importantes do mundo e onde abunda maior número de portadores do terrível morbus, como na África, na Índia, etc; portanto acha-se habilitada para fazer os curativos necessários à custa do próprio instituto, servindo ela mesma de enfermeira. (...)

Portadora de conhecimentos, como ficou dito, cura os doentes em 1º grau, paralisa a moléstia aos do 2º, e mitiga o sofrimento dos que já forem considerados desenganados, tratando-os pelos mais adiantados processos médicos e higiênicos descobertos recentemente. (*Jornal de Catalão*, 01 set., 1929, n. 21)

No “vasto rincão de Anhanguera”, onde o “meio social” era incompreendido e deixado ao abandono, o trabalho filantrópico era apontado como “um passo da evolução da sociedade”, o cooperativismo de “alguns benfeitores” a resposta ao “problema dos leprosos”, como assegurava a *Voz do Povo* (22 mai., 1932, p. 1).

Explicita que em Catalão “a municipalidade havia desapropriado uma chácara” para a formação de uma “colônia leprosaria, composta de várias edificações novas”, empreendimento que merecia “todo o carinho” da população concorrendo “com seu auxílio” para sua manutenção (*Voz do povo*, 22 de mai., 1932, p. 1). Asseverava que “o médico local é um dos servidores dessa benéfica instituição, dispensa a todos os seus moradores a sua clínica diária” e que a “colônia”, cujo nome não é citado, “está sob a direção de **Mr. Bernard** que se vem imortalizando pela grandeza e proficiência de sua obra” (*Voz do povo*, 22 de mai., 1932, p. 1, grifo nosso). Acrescenta posteriormente que a “**sra, Helena Bernardo**, de Catalão” contando “com o auxílio da prefeitura, de seu marido e amigos” construiu “um leprosário com aparelhamento aperfeiçoado” e em uma “Santa Cruzada” na profilaxia da lepra no Estado, desenvolvida também por Rettie Wilding construtora do leprosário da Ilha do Bananal (*Voz do povo*, 09 out., 1932, p. 2).

Inicialmente, em 1937, o missionário Eliel Martins de Almeida divulga que “**d. Helena Bernard, ilustre senhora** abriu também um ambulatório, logo depois transformado em asilo”, e que “**muitos amigos daquela senhora** enviaram auxílios para “construir abrigos”, o que ela fez entregando ao público “oficialmente a única instituição no gênero registrada na Diretoria do Serviço Sanitário do Estado” (*Correio Oficial*, 05 de out., 1937, grifos nosso).

Mais tarde ao publicar nas páginas do *Jornal Correio Oficial* um conjunto de artigos, tratando sobre a profilaxia da lepra Almeida masculinizava o trabalho empreendido

posicionando-se como o coordenador do leprosário, sem citar o pioneirismo de Helena Bernard;<sup>4</sup> procedimento reforçado em 1939, quando ele atua na condição de representante das instituições de combate à lepra do Estado de Goiás na *I Conferência Federal das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra*, promovida pela *Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra*.

Revisitando a história do combate à lepra no estado, o médico Sebastião Mendonça de Brito reforça a presença e importância de três médicos, Eliel Martins (sic), Sadye e Luiz Alcântara, responsáveis pela orientação terapêutica; mas, considerando que Helena Bernard organizou o serviço de assistência apoiada por uma instituição protestante estrangeira, por congregados em Nova Iorque e Londres e autoridades locais (*Revista Educação e Saúde*, ago., set., 1946, p. 51).

O leprologista Heráclide César de Souza Araújo explicando sobre “os primitivos asilos de leproso no estado de Goyaz” expõe que o leprosário fora “construído pela *American Mission to Lepers* em terreno oferecido pela prefeitura de Catalão”, e explica o nome da instituição, contornando o protagonismo da missionária, argumentando que a prefeitura havia assim denominado o estabelecimento construído em 1929, porque Helena Bernard havia sido “matrona de um Hospital de Glasgow, Inglaterra” (sic). E ilustra o texto com imagens do frontispício da instituição asilar.

Figura 2: Posto Médico e Grupo de Internos do Leprosário Helena Bernard - Catalão.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, 1948. p. 60.

4 A coleção de artigos apresentados no *Correio Oficial* versava sobre os seguintes temas: 1- A lepra, uma moléstia capciosa (dois artigos); 2 - Um problema nacional (dois artigos); 3 - A lepra no Brasil; 4 - A campanha do governo federal; 5 - A campanha dos governos estaduais e municipais; 6 - A profilaxia urbana; 7 - Campanhas e métodos; 8 - Colônias, hospitais, asilos, preventórios e ambulatórios; 9 - Como exterminar a lepra. 10 - A lepra é curável? Sintomas e consequências; 11 - A lepra em Goyaz; 12 - O que devemos e podemos fazer; 13 - Colaboração e cooperação entre o estado e os municípios; 14 - O serviço sanitário e a sua ação; 15 - A batalha e vitória.

E qual o modo como os jornais comentam a constituição do Leprosário de Macaúbas? Em 1932, a *Voz do Povo* indicava que era “louvável também o esforço despendido pela dra. Rettie Buchan” Wilding que “formada pela Universidade de Glasgow” vem “proporcionando aos infortunados da doença de S. Lázaro uma vivenda, na Ilha do Bananal, enriquecida por sua extremada dedicação e pelo conceito simpático de todos” (22 mai., 1932, p. 1). Divulgava a trajetória da médica - “brava Bandeirante, Bandeirante apóstola” vinda “de além-mar, da Terra de Albion”, que após “formar-se em medicina se dirige para as Índias, onde, numa universidade, distribui com a juventude os seus conhecimentos”, especializando-se e vindo à “ilha do Bananal”, onde embrenha-se “no sertão bravo” (9 out., 1932, p. 2).

Ela “**com auxílio de uma enfermeira diplomada** e obtendo da missão evangélica a doação do terreno”, já “construiu e vem mantendo, sem auxílio direto de poderes públicos ou de quaisquer associações, um leprosário onde os infelizes cancerosos são tratados com carinho e zelo”; e questiona sobre as palavras que deveriam ser escolhidas por “um goiano [para] se referir a obra tão grandiosa”, cuja imponência só poderia ser recompensada com a benção divina (*Jornal Voz do Povo*, 9 out., 1932, p. 2). Esse artigo e informações do *Jornal Voz do Povo*, foi replicado pela *Revista a Informação Goyana* (out. 1932, p. 23), que havia iniciado em 1926 uma campanha de doação para construção de um leprosário em Goiás.

Heráclides César de Souza-Araújo não cita as mulheres envolvidas, mas explica que “em 1933 o Reverendo Macintyre nos informou existirem dois leprosários (...), ambos com 53 doentes (...) mantidos pela ‘Igreja Christã’” (1937, p. 154) e estava “devidamente registrada como pessoa jurídica de Direito Privado” (*Correio Oficial*, 05 out., 1937). Em 1937, o Reverendo Eliel Martins de Almeida anuncia de modo conciliador que na Ilha do Bananal, desde 1934, “o sr. A. Macyntire e a dr. Rettie abriram (...) um ambulatório para medicar os leprosos” (ALMEIDA, 1937). Eliel de Almeida acrescenta, que o leprosário São Vicente de Paulo de Anápolis, fora obra “[d]o ilustre clínico dr. James Fanstone” que “abriu no subúrbio da cidade um pequeno ambulatório para medicar os hansenianos”, que após construído foi “entregue à Conferência de S. Vicente de Paulo, daquela cidade” (ALMEIDA, 1937). No *Jornal Cidade de Goiaz*, em 1939, é a Archie Macyntire, pastor e “pioneiro do desbravamento da Ilha do bananal” que é dada a primazia da construção do leprosário “coadjuvado por outros” (02 ago., 1938, p. 4).

Nos diversos artigos jornalísticos, ocorre a indicação da emergência das instituições de assistência aos enfermos de lepra como uma novidade na região. Indicam, no quanto a estes empreendimentos, o nome das instituições locais como a prefeitura, o governo do estado, as entidades missionárias ou estrangeiras de combate à lepra envolvidas, o trabalho masculino direcionando as atividades e junto o das lideranças femininas de Rettie e Helena, mas, com uma dose de diminuição da proeminência da ação feminina.

As associações e atividades filantrópicas afastam essas e outras mulheres do ostracismo, retirando-as do simples papel de coadjuvantes e organizadores de atividades sociais para angariação de arrecadação de valores como muitos jornais e mesmo análises historiográficas fazem crer (MOTT, 2005). Mas, no caso em análise, por meio dos



documentos públicos, se observa uma tentativa de contorno do seu protagonismo na constituição e manutenção destas instituições; apontando-as, às vezes, como as esposas ou as matronas.

No entanto, o currículo, a atuação, e o passado de formação e trajetória no campo profissional médico, de enfermagem e de filantropia, tornava a tarefa difícil quando a luta contra a lepra exigia a medicalização e institucionalização. Não se pode desconsiderar que elas estavam, diferentemente da grande maioria, e assim como outras mulheres brancas da elite social e com alto grau de formação educacional, em condição de privilégio (NEPOMUCENO, 2016, p. 383). E talvez por isso elas são mencionadas. No entanto, para outras, é apenas na escrita pessoal das filantropas que seus nomes são indicados e que se pode perceber a proeminência da presença cotidiana de mulheres no trabalho assistencial aos enfermos de lepra nestas instituições no período citado.

### **Outras fontes, nomes e rostos: caminhos para uma outra história**

Ao trazermos à tona o cotidiano institucional, nas imagens e relatos do cotidiano, é o exercício da assistência médica e de enfermagem, a formação educacional e a conversão religiosa, o planejamento de atividades e soluções elaborada pelas iniciativas e trabalho conjunto de mulheres que se sobressai. Helen Gordon/Helena Bernard iniciou suas atividades no Brasil como enfermeira chefe no *Hospital de Doenças Contagiosas* em São Paulo, tendo se casado com Morris Bernard em 1915, quando assume o sobrenome do marido (CARVALHO, 2021, p. 221). Em 1918 trabalhava junto um grupo de 39 voluntárias/os formando a “União Paulistana de Esforço Christão”, no serviço de assistência na luta contra a epidemia de influenza espanhola, como parte do esforço da Igreja Presbiteriana Independente - responsabilizando-se pelos bairros do Braz e Bela Vista na capital paulista (*Correio Paulistano*, 13 nov., 1918, p. 3).

Em 1937, a *Revista Vida Doméstica* (publicada no Rio de Janeiro e voltada para o público feminino e familiar) apresenta um breve relato sobre o Leprosário Helena Bernard e fotos do seu espaço e atividades cotidianas. Para além da enfermeira e missionária cuja alcunha aparece no frontispício do estabelecimento, se sobressaem como “diretores do leprosário Helena Bernard” os nomes de Clarinha ou Clarinda Martins e Eliel Martins de Almeida, seu esposo e reverendo (n. 237, dez., 1937, p. 201).

Figura 3: D. Clarinha/ Clarinda Martins e Eliel de Almeida: diretores do Leprosário



Fonte: Revista Vida doméstica, n. 237, dez., 1937, p. 201.

98

Já as atividades de enfermagem eram monopolizadas pelas mulheres. A *Revista* identifica a Aracy Ericson que era chefe dos serviços da enfermagem, e mostra outras “enfermeiras emergentes entre as próprias doentes” (*Revista Vida doméstica*, n. 237, dez., 1937, p. 201). Dado reforçado nas memórias de Helena Bernard, que tinha como sua principal auxiliar nas tarefas na instituição, D. Júlia, a viúva “de um leproso” que tornou-se “assistente e é uma pessoa muito capaz de realizar os tratamentos esplendidamente” atuando entre os diversos doentes - 94 no estabelecimento, além daqueles atendidos a domicílio (BERNARD, 1966a).<sup>5</sup>

Era também a responsável por receber e distribuir as doações de alimentos, exemplo de abnegação, filantropia e do amor cristão. Para além de Júlia, “uma mulher cristã muito capaz e excelente”, Helena chama a atenção para o trabalho de “quatro mulheres enfermas” que compunha o grupo de auxiliares na enfermagem (CARVALHO, 2021, p. 227). E acrescenta que quando da construção da Colônia Santa Marta em Goiânia, quando o público atendido pelo leprosário foi para lá transferido, e diante da ausência de profissionais naquela instituição pública; dentre as internas de Catalão “3 foram levadas para treinamento como enfermeiras em Goiânia” e assumiram auxiliando o médico naquela instituição (BERNARD, 1966a).

<sup>5</sup> Ela também aponta os nomes do marido e missionário Morris Bernard e do médico Dr. Luiz Alcântara, responsável por examinar todos os leproso na chegada e na alta, o que, considerava possibilitava tirar uma pesada responsabilidade de seus ombros (BERNARD, 1966a).

Figura 4: Enfermeiras emergentes do Leprosário; Chefe de Enfermagem Aracy Ericson com bebê.



Fonte: Revista Vida doméstica, n. 237, dez., 1937, p. 201.

Devotamento e cuidado, para além do trabalho, pareciam marcar a imagem feminina sob o olhar retrospectivo da enfermeira e missionária; como indica Miriam Falei, independente de brasileiras ou estrangeiras, da categoria social a que pertenciam, era o feminino que definia os modos de proceder, embora dentro de seu tempo (2004). Premissa reforçada na epístola enviada por Helena a J. Forsity onde comenta sobre o trabalho de divulgação da fé. Ela expõe sua preocupação com a vida, condições de saúde e número de tarefas assumidas pelas outras colegas e missionárias Brenda, Oliver, Dorothy, Maria (1966b, tradução livre).

Em sua escrita, Helena Bernard explicita seu papel preponderante na empreitada filantrópica. Esclarece que devido “ao abandono absoluto” em que percebia os “pobres infelizes sem dinheiro ou comida e desprezados pela maioria” e procurada em sua residência, acreditava “que talvez a ajuda de Deus fosse capaz de fazer algo por eles” (1966a). Estando em férias em sua terra natal, palestrou aos seus conterrâneos e expôs as dificuldades vividas pelos doentes de lepra no Brasil, especialmente em Catalão, onde os homens/missionários estavam ancorados - mostrou aos congregados no Reino Unido sua experiência anterior com o problema no Ceilão onde trabalhara como enfermeira por 5 anos e no assentamento de Hendela na Índia - e assegurou que ela poderia repetir a mesma experiência junto ao trabalho missionário no Brasil (BERNARD, 1966a). A resposta foi o apoio material para o seu projeto:

Nossos amigos e parentes nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha vieram em nosso auxílio, como também a *Leper Association* nos dois países nos deu de presente para o trabalho um dispensário, bem como remédios suficientes para um bom começo; então esse dinheiro foi enviado para o American Bank em São Paulo para esperar nosso retorno (BERNARD, 1966a)

Nesse interim, em Goiás, seu marido e missionário demandava ao prefeito a possibilidade de “doar um pedaço de terra fora da cidade, a fim de ajudar essas pessoas a se segregarem” (BERNARD, 1966a), sendo atendido. Após esses esforços para angariação de auxílio financeiro e material, acordos e projetos iniciais com apoio de instituições e órgãos do Brasil e do Reino Unido, bem como de congregados nos Estados Unidos, o estabelecimento é edificado e inaugurado em 1929. Cabia então a Helena Bernard a tarefa de buscar condições materiais para manutenção da instituição e seu público. Nisso, era

“frequentemente solicitada a dar palestra sobre o trabalho com leprosos em encontros de mulheres e no *English Club*, ocasionalmente” (BERNARD, 1966a).

No Leprosário de Macaúbas, na Ilha do Bananal, o cotidiano e atividades não vinham de mãos diferentes daqueles que mantinham a instituição de Catalão. O trabalho assistencial ali se inicia com a chegada da dr. Rettie Buchan/Wilding. Esse princípio é por ela relatado da seguinte forma:

Havia pensado fazer um Curso de Medicina Tropical, antes de partir como missionária, mas Deus tinha outros planos reservados para mim. Na convenção de Keswick, Inglaterra, encontrei com a **Dra. Edith Brown, diretora da Escola Evangélica de Medicina, em Ludhiana, Índia**, convidando-me a voltar àquele país com ela para uma ajuda de seis meses, alegando que muitos médicos se encontravam de férias, e sua equipe estava muito reduzida. Viajei com ela para a Índia, em setembro de 1929.

Havia me candidatado na União Evangélica Sul Americana a servir no Brasil, e ao fim de seis meses na Índia, recebi um cabograma da Missão chamando-me para trabalhar na Ilha do Bananal.

Voltei à Escócia, em março de 1930, e em abril parti para o Brasil. (WILDING, 1979, p. 23).

Rettie chega ao Brasil em maio de 1930, em Santos, e segue o trajeto “São Paulo, Catalão, Cristianópolis, Goiás, Leopoldina (Aruanã) e, depois de duas semanas de viagem em um batelão, descendo o Rio Araguaia, cheg[a] à Ilha do Bananal” (WILDING, 1979, p. 24). A viagem em terras goianas ocorreu em companhia de João, sua esposa **Ana Kirkwood** e filha Jean, João MacArthur (um visitante) e o missionário Josiah Wilding, com quem mais tarde se casaria (WILDING, 1979, p. 24). No sertão ela assumiu a direção no trabalho médico e religioso, o que era incomum devido ao fato de os padres no catolicismo terem ascendência no trabalho público e pela inexistência de mulheres médicas atuando em Goiás naquele período. Mesmo que as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia tenham permitido o ensino médico para mulheres, poucas foram as formadas no século XIX (MOTT, 2005) e em Goiás, a Faculdade de Medicina é projetada e inaugurada no início da década de 1960. Diante disso, sua presença foi vista com estranheza, mesmo por aqueles que buscavam o seu cuidado.

Ouvimos dizer que havia mais pessoas enfermas no interior da mata, e por isso partimos a pé a fim de visitá-las. Ao chegarmos numa casa, a família veio à porta, olharam (...). Dissemos ter vindo para ajudar o homem da casa que se encontrava doente, foi então que eles permitiram que entrasse, e examinasse o doente e lhe ministrasse remédios; mesmo assim sentimos que não éramos bem-vindas. Todavia, depois de alguns instantes, a dona da casa trouxe-nos farinha de mandioca, sua filha nos deu algumas cebolas e o homem doente mandou buscar um cacho de bananas. Ficamos tão surpresas e encantadas com tais gentilezas e tão amistosos foram, que nos sentimos encorajadas e nos foi possível fazer um culto ali (WILDING, 1979, p. 28).

O mesmo estranhamento aparece nos relatos do viajante Hermano Silva em expedição pela bacia do Rio Araguaia, ao perceber o trabalho feminino. Mas, definindo na escrita hierarquia exibe “palavras de elogio para a Missão Evangelista, cuja direção compete ao pastor Josias e à dra. Hette (*sic*), naturais da Inglaterra”, que mantinha escola, hospital, posto/dispensário e o leprosário, com verba enviada por amigos da denominação religiosa no Reino Unido e nos Estados Unidos (SILVA, 1935, p. 150).

Mas, a surpresa se devia a presença “[d]esta moça, diplomada em cirurgia, é o único médico que se pode encontrar em imensa faixa dos sertões. Até do Estado do Maranhão,

das margens do rio Tocantins, chegam comitivas transportando doentes em busca de tratamento” e os “sacrifícios a que se submete a dra. Hette (*sic*), sublimada pelo seu ideal de crença”, e “na sua idade, nas suas condições de preparo, colocar-se num insulamento destes, a braços com horríveis infortúnios, é com certeza um cilício prodigioso”, argumenta (SILVA, 1935, p. 150).

Sublinha os “tão relevantes benefícios prestados” por ela, “sendo gratuitos os seus serviços” cobrava “apenas (...) os remédios dos que tem recursos para pagar”, pois para além dos pobres, prestava atendimento, a coronéis, autoridades locais e ricos fazendeiros; e, que naquelas instituições “os sertanejos alcançam seguro lenitivo para os seus males” (SILVA, 1935, p. 150). Cita que “a doutora, como a chamam, já realizou muitas operações de importância”, tratamento de malária, sífilis e verminoses, em uma estrutura formada por “3 casas vulgares efetuam os beneméritos trabalhos, compondo-se o resto do vilarejo de dezena de ranchos dos hóspedes”, somada a “um acampamento de morféticos” situado “em boa distância do núcleo do vilarejo”, que eram “tratados pelas injeções de chaulmogra” (SILVA, 1935, p. 150). Hermano Silva acrescenta que seu marido Josiah Wilding (Josias)<sup>6</sup> a “ajuda[va] nos trabalhos e ainda ensina[va] os rapazes Carajás, juntamente ao pregador João e sua esposa” (SILVA, 1935, p. 150).

Além destes nomes citados por Hermano Silva, na narrativa de Rettie Wilding outras mulheres aparecem. Ela e **Ana Kirkwood**, toda semana atravessavam “o rio, numa canoa, para Mato-Grosso”, faziam “reuniões com mulheres brasileiras” e atendiam “gente solicitando medicamentos” (WILDING, 1979, p. 26), as reuniões religiosas eram oportunidade onde convergiam corpo e alma. Sua professora de português, que morava na cidade de “Goiás, [era] senhora bastante instruída, esposa de um dentista” (WILDING, 1979, p. 38). A aventura missionária se desenvolveu também ao lado da colega “enfermeira americana, **Esther Blowers**” que trabalhava no Hospital Evangélico de Anápolis e a acompanhou em mudança para a Ilha do Bananal, trazendo junto uma “cozinheira jovem crente brasileira, de Anápolis”, que “ajudou em todos os nossos trabalhos em Bananal” (WILDING, 1979, p. 41). Eram mulheres, de classes médias ou populares, como exemplificam esses relatos, que começavam a ocupar a arena pública, em sua grande maioria levadas pela necessidade de custear a vida material através de trabalho e remuneração, outras buscando a educação e capacitação profissional (SOIHET, 2016).

Na Ilha, Rettie empreendia o trabalho do Hospital e Leprosário, e a enfermeira Esther Browsers “iniciou uma Escola Primária, com internato, onde muitas crianças vieram residir”; o financiamento “chegou da Escócia para o Hospital e dos Estados Unidos para a escola”, permitindo adquirir medicamentos e materiais (WILDING, 1979, p. 44). A divulgação da religião, a educação e a assistência, em sua escrita parece ser predominantemente feminina, ela explica que

Um dia, uma moça crente de dezessete anos, filha do nosso professor, veio mostrar-me umas manchas brancas no braço, e eram insensíveis, percebi logo do que se tratava, e foi doloroso dizer a ela e a sua família que teria de viver com as mulheres da Colônia, porque ela estava leprosa. Ali ela foi uma grande benção para as demais... (WILDING, 1979, p. 50).

<sup>6</sup> Ele que atuou como missionário no Brasil desde 1924, e serviu à missão na Ilha do Bananal durante oito anos, falecendo em 1933.

Em viagem ao Pará, com o objetivo de fazer compras de material para a missão, nas paradas pelo caminho Rettie Wilding e Esher Blowers prestavam atendimento médico e distribuíam bíblias divulgando sua fé. Na cidade de Conceição, foram recebidas pelo “chefe da Polícia e sua esposa, que era prefeita da cidade” e que pôs “uma sala à (...) disposição, no edifício municipal, para consultório” (WILDING, 1979, p. 53-57). Na sequência da viagem até Belém, as missionárias encontraram “uma brasileira muito fervorosa que dirigia uma classe da Escola Dominical, (...) a mais velha da família, ajudava a sustentar sua mãe que era viúva” (WILDING, 1979, p. 53-57). A moça, **Eunice**, é convidada a participar do projeto de educação na Ilha do Bananal, a fé e o desejo de uma vida com sentido (religioso, mas também talvez de atitude em um mundo público) a faz optar pelo trabalho missionário. Ela era o arrimo da família atuando como costureira com cujo rendimento mantinha a mãe que pranteava era “muito penoso deixar” (WILDING, 1979, p. 53-57).

Rettie explica que havia recebido liberação do governador do estado para clinicar; a medicina era campo considerado masculino, o que ela questiona em tom cômico, expondo que quando da necessidade de fazer uma cirurgia emergencial de amputação de perna de uma mulher na clínica:

Anestesiiei-a e depois entreguei à D. Esther para que continuasse a anestesia enquanto eu fazia a operação. Minha assistente era a cozinheira de Anápolis. Um moço fazendeiro estava incumbido de segurar a perna e logo que sentiu que ela estava solta em seus braços, ficou pálido, deixou a perna cair no chão, abriu a porta e correu o mais depressa que podia! (WILDING, 1979, p. 65)

102

Em 1937, após o falecimento do marido, Rettie Wilding e sete anos habitando e desenvolvendo o trabalho missionário, médico, religioso e filantrópico na Ilha do Bananal, decide-se por uma mudança parcial para Santa Maria/Araguacema, cidade com “quinhentos habitantes”. Auxiliada pela “lavadeira, que era também cozinheira” e “uma moça brasileira, de Anápolis” que “cuida[va] de Joe” (o filho com idade de quatro anos), continuava a clinicar “e muitos [a] procuravam para consultas”, e empreendia viagens para a Ilha onde mantinha as atividades assistenciais (WILDING, 1979, p. 82). Mais tarde, diante das dificuldades pessoais, deixa a direção das obras na Ilha aos cuidados do missionário Archie Macintyre e sua esposa **Margarida** (Dayse), e transfere sua moradia para a cidade de Anápolis. Ali, passa a dividir seu tempo e serviços médicos entre a Ilha do Bananal, o “Hospital [Evangélico de Anápolis] como anestesista e laboratorista” e o trabalho que desenvolvia entre as quatro clínicas semanais, “duas para leprosos e duas para os pobres”, possivelmente frente ao leprosário São Vicente de Paula daquela cidade, onde junto à enfermeira Ester Blowers, assistia os enfermos e organizava cultos (WILDING, 1979, p. 38-40).

### Considerações finais

Historicamente o setor da filantropia e das atividades voltadas para a assistência à saúde e educação foram consideradas áreas onde a participação das mulheres, por meio da oferta do seu trabalho, era admitida e bem aceita, quase como substitutas do cuidado maternal. No entanto, o que procuramos mostrar nesse artigo, é que mesmo nessas

atividades, durante o período em análise, e nos casos exemplificados na atuação de Helena Bernard e Rettie Buchan/Wilding, observamos estratégias de apagamento do protagonismo das mulheres. Percebe-se no processo de divulgação em jornais e revistas de amplo acesso a diminuição da importância e da visibilidade da participação feminina nestas searas. Esses procedimentos podem ser observados através de um recorte diferente em relação às fontes públicas consultadas; quando da análise de fontes do cotidiano institucional, autobiográficas ou mesmo de revistas voltadas para o público feminino ou familiar, as informações se contradizem. A partir destas fontes, novos nomes e rostos de mulheres emergem, permitindo perceber de modo ampliado a importância deste trabalho.

Ao abordar o cotidiano do trabalho feminino de assistência sanitária e educativa, de caráter religioso filantrópico, prestado por Helena Bernard e Rettie Buchan/Wilding nos sertões goianos, foi possível compreender, a partir da comparação de suas escritas e das divulgadas por homens que com elas tiveram contato, o modo como as atividades femininas eram invisibilizadas ou subordinadas ao protagonismo de homens (normalmente seus maridos) ou líderes das instituições que representavam. Na cultura patriarcal na qual estavam inseridas, a escrita que delas trata as coloca sempre na condição de esposas de alguém ou subordinadas a outrem. No entanto, são a força de seus empreendimentos e o apoio de várias outras mulheres por elas citadas que constituem o cerne do cotidiano da filantropia e assistência sanitária e religiosa. Importante salientar que a trajetória de Helena Bernard e de Rettie Buchan Wilding impossibilitam a marginalização e apagamento. No entanto, por meio de suas escritas, para além de suas trajetórias, emergem mulheres em posição central no cotidiano das missões, das ações filantrópicas, mas também da atuação política, educativa, etc.

Descobrimos que embora não seja a condição da maioria, Rettie Buchan/Wilding, diante de sua condição peculiar de mulher, inicialmente solteira e aventureira, não é a única a viver aquela experiência histórica na década de 1930 no sertão de Goiás. Ela joga luz sobre um tema, grande parte das vezes despercebido ou rechaçado pelo lápis de muitos narradores. Na escrita dos homens pouco se nota, nesse período, da representatividade das mulheres, especialmente no campo do trabalho. Assim, talvez justificando sua própria condição, ela apresenta: a cozinheira anapolina que se aventura ao seu lado num projeto de evangelização; a posição de mando da prefeita da cidade de Conceição; a enfermeira norte-americana Esther Blowers, que cria escola-internato e escola dominical na Ilha e a auxilia nas atividades de cura; a leprosa, filha de um professor da missão que ao isolar-se no leprosário constrói uma sala para alfabetização e difusão do Evangelho entre os outros doentes; Eunice, a costureira e professora de Belém responsável pela mãe viúva e irmão, que se muda sozinha para a Ilha e se envolve na educação dos indígenas e da população ribeirinha; Ana Kirkwood, a missionária e amiga que dá continuidade na administração do leprosário quando de sua ausência. Expõe mulheres, que como ela, sozinhas ou acompanhadas, aceitam a aventura de embrenhar-se frente ao desconhecido, em uma região cuja cultura patriarcal e violenta não pode ser desconsiderada.

Na escrita de Helena Bernard, expondo o cotidiano do leprosário, Júlia a enfermeira e auxiliar de cuidados é trazida à luz do conhecimento histórico, bem como outras enfermeiras

responsáveis pelo trabalho diário no leprosário; além de outros nomes de missionárias que em carta ela cita: Brenda, Oliver, Dorothy e Maria. Na *Revista Vida Doméstica*, voltada para o público feminino, os nomes de Aracy Ericson, Clarinda Martins e os rostos das “enfermeiras emergentes” entre os internos são mostrados.

O trabalho e a vida de Helena Bernard e Rettie Wilding não podem ser desprezados, enquanto mulheres, enfermeira e médica, e enquanto missionárias pois exemplificam a atuação pública e cotidiana de mulheres em Goiás na década de 1930. A vida dessas duas mulheres, nos seus sete anos de ação missionária na Ilha do Bananal, e nos 13 anos em Catalão demarcam a atividade curativa do corpo, corpos marcados por uma enfermidade incurável e estigmatizante, a formação do espírito e a ação conversora da alma, o cotidiano de superação (enquanto profissional ou no setor pessoal), pontos nos quais as vidas de Helena, de Rettie e de tantas outras mulheres se encontram.

## Referências

ALMEIDA, Eliel Martins. O Problema da Lepra - A Lepra em Goiás XII. *Correio Oficial*, 05 de outubro de 1937. Col. Arquivo Público Estadual de Goiás, n.- 213 (out. a dez., 1937).

104

ARAÚJO, H. C. de Souza. A lepra e as organizações anti-leprosas do Brasil em 1936. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 111-160, 1937. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessado em 12 jan. 2021.

BASSANEZI, Maria Silvia. Migrações internacionais: mulheres que vem, mulheres que vão. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1ª Ed. 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2016.

BERNARD, Helena. Carta a J. Forsyth. 02/10/66b.

BERNARD, Helena. Small record of work amongst lepers in Brazil. Work amongst lepers in Brazil Bernard, 02/10/66a.

CARVALHO, Heliel Gomes de. *A medicina missionária pioneira e o papel da União Evangélica Sul-americana (UESA) em Goiás, na primeira metade do século XX*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Memórias femininas: tempo de viver, tempo de lembrar. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 59-82, 2007.

CORREIO PAULISTANO. A “influenza hespanhola”: a epidemia reinante vai entrando em declínio. O número total de óbitos notificados hontem foi de 307 – O Serviço Sanitário previne o povo contra as recahidas. São Paulo, 13 nov., 1918, p. 3

FALEI, Miriam. Mulheres do sertão nordestino. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.



FERREIRA, Saulo de Castro. Os caminhos do senhor. *In.*: WILDING, Rettie. *Semeando em Lágrimas*. Casa Editora Aplic, 1979.

GARRIDO, Stella. A educação confessional protestante no Brasil. Rio de Janeiro, 2005. *In.*: **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hebr3.htm>>. Acesso em: 02 dez., 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. – São Paulo: Centauro, 2004.

JORNAL CORREIO OFICIAL, de 05 de out., 1937 – Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

JORNAL DE CATALÃO. Leprosário em Catalão. 01 de setembro de 1929, n. 21. Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

JORNAL VOZ DO POVO. De muralha de castigo ao abrigo de desgraçados. Goiás, 9 out., 1932, p. 2.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Gênero e assistência: considerações históricas conceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1, dez. 2011.

MARTINS, Mário Ribeiro. Estudos literários de autores goianos e escritores de Goiás; Dicionário biobibliográfico do Tocantins; Dicionário biobibliográfico regional do Brasil. Disponível em: [www.usinadeletras.com.br](http://www.usinadeletras.com.br) ou [www.mariomartins.com.br](http://www.mariomartins.com.br)

MEMÓRIAS DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ (on line). A lepra e as organizações antileprosas no Brasil em 1936.

MOTT, Maria Lucia. Gênero, medicina e filantropia: Maria Rennotte e as mulheres na construção da nação. *In.*: **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.41-67.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, Curar, Salvar: Uma Ilha De Civilização no Brasil Tropical**. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em História da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NEPOMUNCENO, Bebel. Mulheres negras: protagonismo ignorado. *In.*: Nova história das mulheres no Brasil. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1ª Ed. 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2016.

PERROT, Michelle. *Les femmes ou les silences de l'histoire*. Paris: Flammarion. 1998.

PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na Primeira metade do Século XX. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. O vírus protestante e a ação profilática de um Bispo de Goiás. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 163-176, jul./dez. 2011. Editora UFPR, 2011.

REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA. “Leprosários de Goiás”, edição de outubro de 1932, p. 1690 (Coleção fac-similar).

REVISTA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Dados Históricos sobre a Campanha Contra a Lepra em Goiás., (n. 29-30) agosto e setembro de 1946, p. 51.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In Nova história das mulheres no Brasil. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª Ed. 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2016.

SANTOS, Francieli Lunelli; LEANDRO, José Augusto. Mulheres da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus e Defesa Contra a Lepra, 1926-1947. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, supl., dez. 2019, p.57-78.

SILVA, Hermano Ribeiro da. **Nos sertões do Araguaia**. Edição Saraiva, São Paulo, 1935.

SILVA, Leicy Francisca da. **Eternos órfãos da saúde: medicina, política e construção da lepra em Goiás**. – Goiânia: editora do UFG, 2016.

SOIHET, Rachel. Movimento de mulheres. A conquista do espaço público. In Nova história das mulheres no Brasil. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª Ed. 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA-ARAÚJO, Heráclides Cesar de. **História da Lepra no Brasil (1889-1946)**. **Álbum das Organizações Antileprosas**. Volume II. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948.

WILDING, Rettie. **Semeando em Lágrimas**. Casa Editora Aplic, 1979.